

Dizendo adeus ao LGBT e ao Queer: rumo ao comunismo somático (Virginia's Remix)



TECHNOGENDER

OCT 09, 2025

Ao longo das 444 páginas de *Testo Junkie*, a sigla *LGBT* se manifesta no corpo do texto durante um único e brevíssimo momento, e não se refere a uma comunidade, nem movimento social e tampouco a um conjunto de estratégias de resistência. Longe disso, essas quatro letras – quase sempre invocadas numa tentativa desesperada de *organizar a diversidade* de toda a população de indivíduos que se configuram como minorias sexopolíticas frente aos regimes patriarcais e heterocentrados –, aparecem discretamente na obra de Paul B. Preciado para fazer menção a um lugar: o *LGBT Community Center* de Nova Iorque, situado na *West Thirteenth Street*, que sediou uma oficina de *drag king* em 1998, da qual a então jovem feminista lésbica Beatriz fazia parte (PRECIADO, 2018a, p. 381).

Testo Junkie, quando comparado aos demais trabalhos do autor, pode ser concebido como a sua mais importante obra até o momento. Seu primeiro livro, o *Manifesto Contrassexual*, como já foi observado pelos trabalhos pioneiros de Anabela Rocha e Bryan Axt, não extrapolou a forma com que foi pensado, sendo por excelência um manifesto, e, portanto, dispensando longas explicações e uma espécie de *prestação de contas* à tradição filosófica ensaística (ROCHA, 2012, p. 8); o que faria com que o autor buscasse a produção de um texto que mais adequadamente fosse capaz de materializar seu rigoroso trabalho de teórico (AXT, 2018, p. 105).

O *Manifesto* parece atuar como um prelúdio para a verdadeira bomba molecular que seria seu próximo grande escrito, considerando, entre outras coisas, que muitas partes do livro se encontram retomadas e refinadas ao limite em *Testo Junkie*, como é o caso do texto *Money Makes Sex* sobre as operações tecnológicas moneístas de produção do corpo intersexo, que agora aparece como uma das peças na construção de um dos mais importantes capítulos de *T-Junkie*, o *Tecnogênero*. O mesmo poderia ser dito sobre o anexo *Prótesis, mon amour* da edição espanhola do *Manifesto* (também presente em sua tradução, pela n-1 edições, 2017a [2014]) que ao propor uma genealogia relâmpago da *butch* e seu DNA evolutivo pós-guerra, parece anunciar *A Era Farmacopornográfica*.

Do dildo à prótese farmacopornográfica: alguém quase poderia pensar que o autor sabia exatamente seu objetivo desde o princípio, se o seu próprio corpo não tivesse sido possuído pelo espírito de Guillaume Dustan e a testosterona nas noites em que deu luz ao *T-Junkie*. Sua terceira grande obra publicada, *Pornotopia* (2010), por sua vez, apesar de um trabalho feito na fase de maior amadurecimento de Preciado e de ter sido laureado com o *Premio Anagrama de Ensayo*, não está muito distante de ser uma gigantesca nota de rodapé sobre o eixo *pornô* do novo regime de produção e controle dos corpos cartografado pelo autor espanhol em sua obra anterior.

Junkie! Para viajar com Paul B. Preciado para além da natureza do gênero ou ao menos respirar enquanto quase se afoga no sêmen nuclear de nossa sociedade *hetero-punk*, *Testo Junkie* se apresenta como uma leitura incontornável. Por que então num texto de tamanha magnitude para o corpus teórico do autor ele teria se recusado a falar em *LGBT*? Num contexto em que a bandeira do arco-íris assume o lugar de língua oficial e principal referência para as discussões em torno de virtualmente todos e quaisquer anseios das minorias sexuais e de gênero, por qual motivo Preciado teria evitado ao máximo aproximar-se dela? E, já antecipando um dos objetivos reflexivos deste breve ensaio,

vale a pena perguntar: o que significa fazer uma revolução sexual e de gênero e qual poderia ser essa revolução?

A partir do seio de uma cartografia preciadista, apresento uma oposição radical às constantes tentativas de traçar uma relação de equivalência entre a luta contra-farmacopornográfica e a luta *LGBT* ou a luta *queer*, ou entre configurar-se como um dissidente contra-farmacopornográfico e *ser LGBT* ou *ser genderqueer*. Para esboçar os princípios dessa oposição será necessário retornar a um debate já bastante caduco de *identitários versus anti-identitários* e também às transformações do corpo de Preciado, que não por acaso coincidem com as transformações do *queer* em *pós-queer*. Ao longo do texto, transito entre os pronomes utilizados para falar de Preciado à medida em que refletem a apresentação de gênero realizada pelo autor em diferentes épocas de sua obra.

Não caberá aqui fazer uma longa análise do dispositivo da sexualidade identificado por Michel Foucault em *A vontade de saber* (1976) e muito menos do caráter performativo das categorias identitárias evidenciado por Judith Butler em *Problemas de Gênero* (1980) para tornar possível uma estratégia política de desmantelamento do chamado *Movimento LGBT*. Proponho uma tentativa direta de criticar o *LGBT* como um tipo de movimentação política que estabelece como meta o clamor por leis protecionistas e liberais de inserção de uma certa “elite” das minorias numa nação que permanece com seus fundamentos heterocentros e capitalistas intocados. Não há nenhum arco-íris para a *população LGBT*: o que lhe aguarda é um beco sem saída reformista e a falsa promessa de emancipação para suas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Aos *outros* indivíduos que transbordam pelas margens da sigla, às vezes realocados ao + ou ao Q, lhes resta lutar por uma inclusão nesse vicioso ciclo de falsa representação que está condenado a ser constantemente revisado.

Essa crítica às tendências de assimilação, às políticas de respeitabilidade, à homonormatividade, homonacioanalismo e

essencialismo tem sido produzida por uma série de intelectuais/ativistas, que compreendem diferentes grupos que atuam sobre a sigla *LGBT* enquanto grupos de sujeitos aparentemente estáticos e definidos *a priori*, por ainda acreditarem no caráter descritivo e não performativo da sigla, em busca do que seria um essencialismo estratégico para a conquista de direitos. Coalizões de ação direta como o caso de *Bash Back* nos Estados Unidos, ou intervenções pós-pornográficas como as dos coletivos *Vômito* e *Coiote* com Bruna Kury no Brasil, são exemplos que denunciaram todos os pontos descritos acima e que são associados a “LGBT”. No âmbito da produção acadêmica, coletâneas anarquistas como *Against Equality* organizadas por Ryan Conrad fizeram esse trabalho.

Aqui cito e recomendo brevemente a obra de Leandro Colling, *Que os outros sejam o normal*, para construir uma argumentação que visa identificar o *modus operandi* assimilacionista *LGBT*. Em seu livro de 2015, Leandro Colling se empenhou em realizar um estudo pioneiro a partir da entrevista de trinta e cinco ativistas espalhadas pela Península Ibérica e América do Sul, além de uma fundamentação teórica em diálogo com a literatura de cada um dos países visitados. De acordo com o autor, que também propõe uma separação entre políticas *LGBT* e políticas queer, os grupos *LGBT* observados por ele em Chile, Argentina, Portugal e Espanha apresentam algumas notáveis características em comum: possuem uma estrutura hierarquizada e institucionalizada, não existindo de forma autônoma e horizontal, e “são os que mais acionam e são acionados diretamente pelo Estado para interlocução e realização de políticas públicas” (COLLING, 2015, p. 28).

Precisamente por esse motivo, os grupos *LGBT* operam como tentáculos biopolíticos do Estado, juntos fazendo a manutenção de uma tosca ontologia política *LGBT* que atuará como uma “injunção normativa que funciona insidiosamente, instalando-se no discurso político como sua base necessária” (BUTLER, 2017, p. 256). Essa ontologia *LGBT*, é claro, é somente *G*, e não qualquer *G*, mas sim o gay

branco e cisgênero, que como um bom cidadão mantém-se *discreto* à espera de um matrimônio.

Para impulsionar a revolução sexopolítica já em andamento, é preciso ser o completo oposto de *discreto*. *SILENCE = DEATH*. Não basta poder adotar um filho, ter o direito de servir no Exército ou comemorar a introdução de um personagem transexual numa série da *Netflix*; é preciso engajar-se numa transformação não apenas epistemológica, mas também somática.

Se por um lado Paul B. Preciado sempre evitou falar em *LGBT*, se referindo aos movimentos lésbicos, gays, bissexuais e transgêneros individualmente, por outro é evidente que o autor jurou certa aliança ao que ele denomina *micropolíticas queer*. Mas que fique claro: o queer de Preciado desde o início representava algo bastante diferente do queer que normalmente aparece nos textos norte-americanos do começo da década de 1990. O tipo de teorização e proposta política fomentadas pelo autor já eram nas suas próprias palavras uma prefiguração de um “materialismo ou empirismo radical queer” (PRECIADO, 2017a, p. 95).

Beatriz chegou à cidade de Nova Iorque em 1993 através de uma bolsa de estudos *Fulbright* “para escapar das instituições educacionais e culturais da Espanha pós-Franco”, e era ainda uma escritora lésbica devido às “poucas referências discursivas e políticas” que possuía no momento (PRECIADO, 2018a, p. 352). Beatriz se inseriu numa tradição acadêmica queer que ela encontrou na *New School for Social Research* e seria herdeira da produção pós-feminista de Judith Butler, Teresa de Lauretis, Eve Sedgwick e Jack Halberstam. Foi nesse momento em que Preciado viveu como viajante espanhola em solo norte-americano e cresceria fascinada pela obra de Judith Butler e também de feministas chicanas e latino-americanas (CARILLO, 2010, p. 47), possibilitando à sua obra uma crítica de caráter anticolonial mais tarde explorada em seus trabalhos.

Embora comprometida com esse tipo de literatura *queer yankee*, Beatriz rapidamente iria caminhar em uma direção bastante inusitada em busca de uma compreensão *arquitetônica* do corpo, como se para responder às críticas ao hipertextualismo e ao construtivismo hegeliano que no momento assombravam o conceito de performatividade do gênero, a ponto de pulverizar o corpo precocemente sem passar por uma análise de sua própria materialidade e dos processos tecnocientíficos aos quais é submetido (CARILLO, 2010, p. 53). É assim que a autora transfere sua tese de doutorado da *New School for Social Research* para a universidade de Princeton, tendo sido impactada por indagações advindas da teoria da arquitetura sobre a própria noção de construção do gênero em si, levando-a a elaborar seu primeiro livro a partir de uma releitura histórico-política acerca do dildo, das técnicas médicas da reconstrução da intersexualidade e da transgeneridade como “tecnologias de *design*, prostéticas e bioarquitetônicas que poderiam ser inscritas dentro de uma história mais ampla da modificação tecnológica de nossos corpos materiais e [da] nossa percepção do espaço, tempo e realidade” (PRECIADO, 2018c, p. 3).

Beatriz Preciado publica seu *Manifesto Contrassexual* já como uma forma de experimentação em seu corpo e, recentemente, em uma nova introdução ao livro – assinada agora como *Paul* –, afirma ter sido uma pessoa inteiramente diferente à época. O que estava em mudança era também a própria teoria queer em si, que num novo giro materialista, ou dildotectônico, proliferou-se para além da ortodoxia performativa. O *Manifesto*, embora rapidamente consagrado como leitura obrigatória para os estudos transviados/dissidentes, viu-se engolido por algumas críticas. Parte delas veio como consequência de certa audácia de Preciado, que chega ao ponto de afirmar em seu *Manifesto* que “o gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler” (PRECIADO, 2017a, p. 29), uma interpretação perigosa da obra butleriana. É importante observar que essas e outras afirmações de Preciado sobre a obra de Butler foram discretamente substituídas e

corrigidas na edição norte-americana do Manifesto, publicada muitos anos depois.

Entretanto, tendo escrito aos seus 28 anos e recusando o formato canônico ensaístico normalmente esperado de uma filosofia continental, é uma verdade também que Preciado seria encarado com certa descrença – um dos comentaristas e introdutores do autor no Brasil, Pedro Paulo Gomes Pereira, afirma que suas contribuições teóricas “não apresentam grandes novidades assim” (PEREIRA, 2012, p. 377), inclusive fazendo referência aos seus próximos escritos, como *Testo Junkie*.

Seria mais lucrativo conceber a teoria do dildo/prótese de Preciado, desde seus primeiros escritos, como uma resposta prática e metodológica a um espectro que atormentava cânones anteriores da teoria queer, como *Gender Trouble* de Judith Butler, que foi acusado de apresentar a figura da drag queen como um paradigma para a performatividade (BUTLER, 1994, p. 33). O dildo passaria a ser visto então, nas palavras do próprio autor, como “uma forma de drag, não mais de gênero, senão de sexo” (Carillo, 2010, p. 53), devidamente reinstalando o olhar das análises performativas agora para denunciar as sangrentas mesas de operações produtoras do corpo pós-industrial.

No período entre a publicação do *Manifesto* e os escritos anteriores ao seu segundo livro, Preciado aparentemente ainda enxergava o ativismo queer oriundo dos Estados Unidos como a principal forma de resistência sexopolítica. Em um de seus importantes ensaios, *Multidões Queer* (2003 [2011]), Beatriz evocava o termo guarda-chuva queer para descrever um tipo de política – na medida em que convocava um alistamento em massa para a mesma – que “não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais” (PRECIADO, 2011, p. 16). Entretanto, o autor iria mais tarde passar por um amadurecimento teórico e político que o distanciaria do rótulo queer. Se em um primeiro momento sua obra, que

foi produzida na Espanha e França, já não era muito próxima geográfica ou metodologicamente da *Primeira Onda* (BOURCIER, 2011, p. 94) da teoria queer norte-americana, agora ela passaria por um processo completo de mutação que aconteceria simultaneamente à mutação de seu próprio corpo.

Em uma entrevista concedida a Felipe Padilha e Lara Facioli, Berenice Bento conversa sobre as potencialidades da teoria queer e brevemente comenta sobre o ensaio *Testo Junkie* de Paul B. Preciado. Bento realizou no Brasil a primeira introdução aos escritos do autor, com sua tese de doutorado *A Reinvenção do Corpo* (2003 [2006]), e foi uma das poucas autoras a elaborar interlocuções com Preciado, que geralmente aparece de forma muito tímida ao longo das teses e artigos em território nacional. Na entrevista em questão, *É o queer tem pra hoje?*, Bento compartilha suas impressões sobre *Testo Junkie*, que em sua interpretação emana o cheiro de uma “certa aversão aos sujeitos coletivos”, e seria marcado por um individualismo (BENTO, 2015, p. 149). Eu, por outro lado, me alinho ao grupo de quem enxerga em sua obra um “manual de bioterrorismo de gênero em escala molecular” (PRECIADO, 2018a, p. 14): um manual que transborda *potência* e que deve ser coletivamente reapropriado e testado aos seus limites. É oportuno então pensar o conceito chave de farmacopornografia e o de micropolíticas pós-queer como noções que não fazem, e não devem fazer, qualquer sentido fora de um agenciamento coletivo que os utilize com os propósitos de resistência e revolução.

Ao desenvolver suas teorizações em torno da *Era Farmacopornográfica*, ou um novo regime de controle e produção dos corpos que funciona a partir de tecnologias biomoleculares e semiótico-técnicas (PRECIADO, 2018a, p.36), Preciado atualiza o ativismo queer e o redefine como anti-farmacopornográfico por excelência, uma vez que, herdeiro do vírus da AIDS, soube lutar contra os:

[...] modelos biomédicos, campanhas publicitárias, organizações governamentais de saúde, programas de sequência de genoma,

indústrias farmacológicas, propriedade intelectual, biopatentes, marcas, definições de grupos de risco, ensaios e protocolos clínicos (PRECIADO, 2018a, p. 356).

Porém, se antes o termo queer encontrava-se num lugar bastante privilegiado dentro da gramática política preciadiana, em *Testo Junkie* o autor efetua um reajuste de seu próprio trabalho e reinsere a palavra dentro de um quadro maior de várias formas de ativismo antes obscurecidas pelo termo anglo-saxão, que por sua vez foi percebido como também vulnerável à assimilação neoliberal. Em suas palavras:

A palavra *queer*— que serviu durante alguns anos nos países anglo-saxões e na Europa, por meio de um exercício de tradução cultural, para nomear essas múltiplas lutas — se vê agora submetida a um crescente processo de reificação e comercialização (movimentos próprios do regime farmacopornográfico). Nos últimos anos, *queer* foi codificada pelos discursos dominantes. Estamos correndo o risco de transformar o termo em uma descrição de uma identidade do mercado neoliberal que gera novas exclusões e esconde as condições específicas de opressão do transexual, dos transgênero, dos “crip” ou dos corpos racializados. Não é uma questão de escolher um sujeito biológico ou histórico de oposição (*mulheres, homossexuais, negros, etc.*) que poderia funcionar como um motor de transformação revolucionária e uma soma estatística das diferenças minoritárias multiculturais. Também não quero dizer que já não podemos usar o termo *queer*. Apenas digo que ele perdeu grande parte de sua energia subversiva e não pode mais servir como denominador comum para descrever a proliferação de estratégias de resistência (...) Em reação a este processo de capitalização das identidades *genderqueer*, subculturas minoritárias de dentro, transexuais, transgêneros, *crips* e minorias raciais estão pedindo para prestarmos atenção à materialidade do corpo, à gestão de sua vulnerabilidade e à construção cultural de possibilidades de sobrevivência dentro dos processos de subjugação e organização

política. **Hoje, podemos compreender a enunciação do termo queer como um momento crítico em um processo mais amplo de produção de uma política crítica transfeminista e de construção de subjetividades dissidentes em um regime farmacopornográfico** (PRECIADO, 2018a, p. 360, grifo meu).

A formulação acima é uma das mais interessantes presentes em *Testo Junkie*, e não apenas por revelar algumas das razões do por que de certa forma Preciado teria “abandonado as políticas queer” (PRECIADO, 2018a, p. 143), mas também pelo fato de que na edição espanhola do livro, publicada em 2008, o termo *transfeminismo* não está presente, naquele momento sendo apenas *feminismo* (PRECIADO, 2008, p. 239). Uma das explicações para isso poderia ser encontrada no arquivo vivo em si que é o autor, cuja obra não é meramente teórica, mas performativa, que não é distante de sua própria pele e que existe entre a teoria e a arte (PRECIADO, 2013). Ao longo dos anos que se passaram entre 2008 – data da publicação inicial de *T-Junkie*– e 2014 – momento em que o livro é republicado nos Estados Unidos numa versão ampliada e revisada –, é possível afirmar que ele encontrou uma resposta à pergunta que esboça no começo do livro: seria ela/ele uma feminista viciada em testosterona ou um transgênero viciado em feminismo? (PRECIADO, 2018a, p.23).

Se inicialmente Beatriz Preciado recusava a ficção somatopolítica de *homem trans*, preferindo existir numa utopia *genderqueer* e utilizando tecnologias ambíguas de anti-afirmação do gênero (pronomes masculinos e femininos simultaneamente, o uso do nome *Beto*, e a aparente desistência do uso de *t-gel*), posteriormente ela, agora *ele*, reivindica o acesso a tecnologias semiótico-técnicas administrativas (novos documentos e um novo nome), renascendo enquanto *Paul* em 15 de novembro de 2016 (PRECIADO, 2017b). Tendo se reconfigurado politicamente como *homem trans*, o filósofo parece se aproximar especialmente do transfeminismo enquanto exercício político, a partir do qual ele passa a articular estratégias *copyleft* de desestabilização do

framework hegemônico que bloqueia o acesso aos biocódigos, aos fluídos, e à produção não capitalizada da *potentia gaudendi*.

A transexualidade do autor dispensa explicações e justificativas, mas pode ser entendida como parte de um movimento *pós-queer* descrito por Sam Bourcier em outras palavras como “uma política da identidade pós-identitária” que surge diante do “universalismo, republicanismo e da invisibilização” (BOURCIER, 2011, p. 96) em solo francês durante a atualização das políticas e teorias queer norte-americanas no final da década de 1990 e começo dos anos 2000.

Esse novo tipo de *queer made in France*, ou um retorno da teoria queer à França (que havia começado com Guy Hocquenghem, como o próprio Preciado sugere em *Terror Anal*), teve Preciado como uma figura central, num contexto em que a palavra mal era conhecida na Europa (PRECIADO, 2018a, p. 93). Foi mediante uma colaboração com Sam Bourcier, ativista francês transgênero, em torno do coletivo *Le Zoo* e do filme porno-terrorista *BAISE-MOI* (2000) de Virginie Despentes, que os dois autores difundiram o uso de ferramentas de “hiper-reflexibilidade” e “hiper-construtivismo” numa prática coletiva de produção de identidades, performances minoritárias e visibilidade midiática. Ainda de acordo com Bourcier, o giro hiper-construtivista ao qual foram submetidas as políticas queer na Europa se deu mediante uma crítica à *guerra contra o essencialismo* que antes parecia a prioridade, visto que esse tipo de estratégia estaria incrustada de privilégios raciais e de classe e portanto não contemplaria as minorias racializadas que não poderiam se dar ao luxo de “demonizar as políticas identitárias” frente ao apagamento de suas existências promovido pelo Estado neoliberal francês (BOURCIER, 2011, p. 97).

Tal quadro político compartilha várias semelhanças com os processos sociopolíticos brasileiros, levando Angela Figueiredo, em sua *Carta à Judith Butler*, a afirmar que “no caso brasileiro, foi somente através do sentido identitário e político atribuído à categoria negro, em contraposição às misturas e fluidez [características normalmente

atribuídas ao anti-essencialismo queer norte-americano] das inúmeras categorias raciais que estruturam o racismo à brasileira, que as conquistas foram galgadas” (FIGUEIREDO, 2015, p. 167).

A reflexão de autocrítica no seio das políticas queer faria com que elas passassem por uma transformação, que já poderia ser denominada pós-queer por ter amadurecido com “as teorias performativas de Judith Butler, mas também pela aids, pela ovelha Dolly e pelo consumo intencional de hormônios” (PRECIADO, 2018a, p. 389). É assim, então, que Preciado se despede de queer tanto enquanto teoria como prática, uma vez que o ativismo queer, na compreensão do autor que é indissociável do corpo de Guillaume Dustan – seu ex-editor ao qual ele dedica e escreve *Testo-Junkie* como uma carta de luto (PRECIADO, 2018c) – significou uma “preparação para a morte” que alcançou seu objetivo juntamente com as vítimas do HIV (PRECIADO, 2018a, p. 435).

A relação entre Beatriz-Dustan, HIV-Queer e Passado-Futuro que influencia as esperanças de Preciado por um novo tipo de movimento político é dissecada no interessantíssimo ensaio de Evans Elliot *Your HIV-positive sperm, my trans-dyke uterus*, no qual o autor conclui que Preciado enxerga nas práticas *bareback* de Dustan tendências anti-sociais e anti-futuristas, que são então abandonadas em prol da priorização de um caminho menos mórbido, mais empático, potente e promissor para a sobrevivência coletiva das minorias oprimidas num mundo já bastante distópico (EVANS, 2015).

Ao longo deste ensaio, procurei realizar uma rápida viagem pela vida e obra de Paul B. Preciado com o intuito de testar os potenciais de sua gramática política que, como argumento, não pertence ao *LGBT*, tampouco ao queer e sequer a um domínio individualista. Acredito que a leitura de Preciado se beneficiaria de um distanciamento da agenda reformista e assimilacionista LGBT (PRECIADO, 2018b, p. 14) e igualmente do *caminho de morte* e guarda-chuva já capturado pelo neoliberalismo que queer representa para o autor.

Para Paul B. Preciado, uma possível revolução de gênero – um evento de proporção semelhante apenas à mudança do paradigma geocêntrico ao heliocêntrico que atingiu a modernidade (PRECIADO, 2018c) – não será feita a partir da criação de uma bandeira em comum, mas sim do compartilhamento e livre acesso às técnicas, fluídos, sementes, a água e os saberes (PRECIADO, 2020). Essa revolução não será sangrenta e protagonizada pelo corpo heroico viril, pois *cabeças já rolaram demais* (PRECIADO, 2013). O que está em jogo é a maximização da consciência de que *nós já somos* uma revolução, e que ela acontece em nosso próprio corpo. É, portanto, somática e não pode ser outra coisa além disso: é preciso que transformemos todo o conhecimento minoritário em experimentação coletiva, em prática física, em formas de vida e formas de convivência (PRECIADO, 2018a, p. 367), num processo que envolve a mutação de humano em seu próprio rato de laboratório.

Não somos um *povo* disputando a criação de uma única *ideologia* (PRECIADO, 2013), mas sim a *Primeira Geração de Ciborgues* que emerge numa escala global e compartilha suas práticas políticas e conhecimentos via transmissão seminal/digital num ritmo que não poderá ser freado. Como o autor esclarece em seu último escrito ao descrever o contexto de produção do *Manifesto*, sua obra consiste na construção de uma porta de saída ao concreto que representa a opressão sexual e de gênero: o *Comunismo Somático* (PRECIADO, 2018c, p. 17).

[Como mais tarde ele propôs em *Dysphoria Mundi*, trata-se de uma hipótese de formar supercordas micropolíticas *TRANS* que nos permitam sobreviver nas ruínas do capitalismo e recriar a bioesfera.]

Em meio à mudança paradigmática, a reação dos tecnocratas da farmacopornografia será a matança desenfreada e a destruição completa do globo e dos nossos biomas. Resta-nos acreditar, como Virginie Despentes no prefácio de *Um Apartamento em Urano*, que tanta violência não revela a intensificação prolongada de nossa distopia, mas

sim as últimas medidas desesperadas daqueles que não querem se integrar ao nosso tecno-macro-organismo.

Referências Bibliográficas

AXT, Bryan Willian. **A produção tecnocientífica da materialidade dos corpos na era farmacopornográfica em Paul B. Preciado**. 112 f.

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia. Sistema Integrado de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2KvRojO>. Acesso em: 27 fev. 2019.

BENTO, Berenice. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da teoria queer ao sul do equador. In: _____. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Editora EDUFBA, 2017. p. 123-147.

BOURCIER, Marie-Hélène. Cultural translation, politics of disempowerment and the reinvention of queer power and politics. **Sexualities**. v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/2pqTUi>. Acesso: 20 fev. 2019.

BUTLER, Judith. Judith Butler: Gender as performance. **Radical Philosophy**. Verão de 1994. Entrevista concedida a Lynne Segal e Peter Osborne. Disponível em: <https://goo.gl/PS6nwp>. Acesso: 20 fev. 2019.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª Ed. Tradução por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARILLO, Jesus. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista Poiésis**, n. 15, p. 47-71, jul. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/8TnQpH>. Acesso: 20 fev. 2019.

DESPENTES, Virginie. Prefácio. In: PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 11-19.

EVANS, Elliot. Your HIV-positive sperm, my trans-dyke uterus: Anti/futurity and the politics of bareback sex between Guillaume Dustan and Beatriz Preciado. **Sexualities**. v. 18, n. 1/2, 2015, 127-140. Disponível em: <https://goo.gl/9CLLqN>. Acesso: 20 fev. 2019.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 152-169, maio/outubro 2015. Disponível em: <https://goo.gl/Zs4aHo>. Acesso: 20 fev. 2019.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea**. São Carlos, v. 2, n. 2, 2012, 371-394. Disponível em: <https://goo.gl/G7Nwms>. Acesso: 20 fev. 2019.

PRECIADO, Paul B. **Testo Yonqui**. Madri: Editorial Espasa Calpe, 2008.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Tradução por Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 19, n. 1, jan-abr, 2011, p. 11-20. Disponível em: <https://goo.gl/iGF9Ce>. Acesso: 20 fev. 2019.

_____. Pienso, luego existo: Beatriz Preciado. Episódio com Paul B. Preciado para o programa de televisão “Pienso, luego existo”. **RTVE**. 30min 6s. 17 ago. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/Pbd74j>. Acesso: 20 fev. 2019.

_____. Dizemos Revolução. In: _____. **Um Apartamento em Urano**: Crônicas da Travessia. Tradução por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 43-48.

_____. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. 2ª Ed. Tradução por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017a.

_____. My Body Doesn't Exist. In: LATIMER, Quinn; SZYMCZYK, Adam (Orgs.). In: **The Documenta 14 Reader**. Munique: Prestel, 2017b. p. 119-134.

_____. **Testo Junkie**: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica. Tradução por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

_____. **Testo Junkie**: Hormones, Power, and Resistance in the Pharmacopornographic Regime. Conferência ministrada no programa "Transitional States" da Peltz Gallery em Londres. 2018b.

_____. **Countersexual manifesto**. Tradução por Kevin Gerry Dunn. Com prefácio de Jack Halberstam. New York: Columbia University Press, 2018c.

ROCHA, Anabela Ribeiro Pinto da. **Outro Género de Corpos**: O Materialismo Tecnológico Fisicalista de Beatriz Preciado. Dissertação de mestrado em Filosofia Contemporânea. Universidade Nova de Lisboa. Portugal. 2012.

Texto originalmente publicado como parte da compilação de escritos preciadianos lançada na Espanha (Egales, 2021) como *Metafísicas Sexuales*, e no Brasil (Devires, 2022) como *Metafísicas Sexuais*, livros que foram organizados por Martín de Mauro Rucovsky e Bryan Axt. Permaneço muito grata pela oportunidade que foi oferecida a mim, anos atrás, de escrever o texto acima (finalizado em 2020.) Na época, eu assinava meus textos como Alexis, meu nome de registro, e ainda possuo um certo orgulho de minha criação, mas julguei necessária a edição de algumas coisas. Finalmente, compartilho agora o texto tendo removido as partes em que eu dialogava com a obra de Richard Miskolci — concordo que ele deve ser considerado persona non grata nos estudos de sexualidade e gênero. O restante das mudanças foram

menos importantes e focadas nos aspectos de maturidade do texto.
Permaneço concordando com virtualmente tudo que o texto diz acerca de Preciado e muito pouco alterei a respeito disso.